Acervo ISA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL Documentação
Fonte CB
Data 10/8/2000 Pg. 36
Class. Kamayurá 05

XINGU

Tribos como pataxó, paresi e kamayurá querem que Funai libere a visitação nas aldeias. Demora de estudos pela Fundação pode provocar turismo desordenado e impactos na cultura indígena

Índios querem turismo

Nelson Souza Aguiar
Da equipe do Correio

As dificuldades enfrentadas pela Funai no gerenciamento de terras indígenas e o surgimento do turismo como alternativa de sustentação estão provocando um fenômeno novo em aldeias do Paraná, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Bahia. Cansados de depender dos poucos recursos do órgão, índios dos três estados reivindicam o direito de explorar o turismo em suas terras. Uma exploração que transcende cachoeiras, trilhas e o que mais a natureza oferecer ao redor. É o turismo étnico, cujos principais produtos são o próprio índio e suas manifestações culturais. E cujos riscos são maiores do que se imagina, se isento de planejamento e estudos minuciosos.

As manifestações pela nova modalidade de turismo no Brasil vêm dos guató, no Mato Grosso do Sul, bororo, paresi e kamayurá, no Mato Grosso, kaingang, no Paraná, e pataxó, na Bahia, há pelo menos dois anos. Entre eles, os kamayurá são dos que mais se movimentam para implementar o turismo em sua aldeia, localizada no Parque Nacional do Xingu, em Mato Grosso. E os que mais têm esbarrado na impressionante morosidade da Funai em tomar decisões.

Habitantes do Alto Xingu — a parte sul do parque — eles iniciaram há dois anos a formulação de um projeto para abrir a aldeia à visitação de turistas. Os planos dos kamayurá têm como importante apoio o Xingu Refúgio Amazônico, um hotel ecológico em fase final de construção na Fazenda Von Den Steinen, de propriedade de João Vincentini. O pecuarista é dono de terras na borda oeste do parque há 20 anos e principal investidor em um projeto ecoturístico que prevê a preservação das florestas da região.

A fazenda fica no município de Feliz Natal, a oito horas de carro de Cuiabá. Com localização privilegiada, a 30 minutos de bimotor da aldeia, o pacote no refúgio ofereceria aos turistas um pernoite na aldeia. Dormir em uma verdadeira tribo indígena, sem margem de dúvida, se tornaria o carro-chefe do programa.

Em um levantamento inicial, entrar no Parque Nacional do Xingu acrescentaria uma taxa de US$ 200 ao pacote de cinco dias e quatro noites no hotel, calculado em cerca de R$ 2 mil. Do total, US$ 100 equivaleriam à entrada na reserva e seriam revertidos para o parque. Os outros US$ 100 cobririam o pernoite e seguiriam direto para os "cofres" da aldeia.

Contudo, a chegada informal de uns poucos turistas foi o suficiente para evidenciar os riscos do turismo étnico quando manipulado sem apoio de especialistas. Os índios aumentaram a produção de artesanato e estabeleceram preços nada camaradas. E inflacionados. Entre os kamayurá, uma simples correntinha sobe facilmente de R$ 5,00 para R$ 10,00, de um dia para o outro.

Como o projeto original prevê o retorno do dinheiro arrecadado para quem produziu a peça, a ambição pelo dinheiro também parece aumentar. O assédio atrás do turista, nas proximidades de cada oca, lembra cenas típicas das cidades.

Nehil Hamilton 4.6.2000

NO XINGU, A CHEGADA DE TURISTAS FEZ OS ÍNDIOS INFLACIONAREM PREÇOS DO ARTESANATO DE UM DIA PARA O OUTRO

PROJETO DESAPARECIDO

O planejamento da empreitada acontecia sem acompanhamento e autorização da Funai quando a divulgação do potencial turístico do estado, pelo governo do Mato Grosso, acabou transparecendo o que estava por acontecer no Xingu: a exploração do turismo étnico sem qualquer assessoramento de antropólogos ou do órgão responsável por quem entra e sai do parque.

"Enviei um projeto elaborado junto com os índios três vezes à Funai, há mais de dois anos, e nunca obtive qualquer resposta do órgão, positiva ou negativa", lamenta Vincentini.

A chegada do documento à Funai é confirmada pelo administrador do Xingu, Piracumã Iualapti, também originário do parque. Mas, apesar do cargo, o administrador até há poucas semanas não sabia onde encontrá-lo — o projeto permaneceu sumido por todo esse tempo. Coincidência ou não, Iualapti é radicalmente contra a implementação do turismo na região.

Em uma última tentativa de aproximação da Funai, Vincentini esteve em Brasília para apresentar a versão atualizada do projeto dos kamayurá e garantir seu recebimento. Antes tarde do que nunca, a Funai se inteirou sobre o que acontece no Alto Xingu e anunciou a criação de uma comissão para estudar a viabilidade do turismo nas aldeias indígenas.

Hanson e telettubies

A recém-empossada diretora de Educação, Susana Grillo Guimarães, reconhece a necessidade da Funai assessorar os projetos que surgem em vários estados. Antes de deixar a diretoria de Assistência do órgão, ela demonstrou preocupação com a exploração do turismo sem estudos e anunciou a criação de uma comissão para analisar o assunto. "Os guató, bororo, paresi, pataxó e kaingang também querem o turismo. Não podemos virar as costas para isso."

Susana reconheceu a pouca participação da Funai na resolução de problemas nas aldeias, por falta de recursos, e que o turismo étnico pode ser a solução para muitos deles. "O problema é que, se não ordenadas, as visitas podem gerar impactos negativos. A produção de alimentos nas aldeias pode ser afetada pela excessiva produção de artesanato."

Os grupos de estudo acontecerão em parceria com o Ministério do Meio-Ambiente. Mas a mudança constante de cargos na Funai faz mais estragos do que se imagina. O vai-e-vem de diretores poderá atrasar a criação definitiva da comissão. Hoje, a diretoria de Assistência é acumulada pelo vice-presidente do órgão, Dinarte Nobre de Madeira. Enquanto isso, o turismo nas aldeias do Xingu está proibido.

Indiferentes a Brasília, os kamayurá não vêem a hora de concretizar o projeto. Ergueram uma oca extra para receber os turistas, com banheiro e cozinha. Para quem reclama da falta de recursos, levantar a estrutura tão cedo, sem garantias de aprovação do projeto, foi pouco prudente.

Confiantes, eles esperam não ter mais problemas para fazer a manutenção de veículos e motores de barcos. O pajé da tribo, Takumã, lembra que a abertura de estradas aumentou o intercâmbio entre as comunidades da região, inclusive durante cerimônias como o kuarup, o que também exige gastos. "Por tradição, alimentamos e damos apoio aos convidados."

Tradição à parte, um breve passeio mostra que os índios terão muito o que fazer para atrair o turista. Apesar da disposição de preservar a cultura, latas e plásticos são facilmente vistos no caminho que leva à lagoa Ipavu, perto da aldeia.

Em uma das ocas, crianças jogam cartas, brincam com boneco dos telettubies, ouvem a banda norte-americana Four Non Blondes e exibem um cartaz dos australianos Hanson. O que pode ser um tremendo banho de água fria no turista acontece exatamente na oca de Kotok e Takumã — os líderes da aldeia. (NSA)